

ESPERANÇA EM TEMPO DE CRISE

O Novo Ano de 2012 deu os seus primeiros passos com um sol radioso para nos aquecer os corações tão resfriados pela dita crise.

Contrastando com este conforto, é-nos dado para o dia-a-dia um horizonte nublado, no qual se perspectiva um ano economicamente difícil.

Todavia, temos de nos consciencializar que há muito mais de belo, para além dos sacrifícios que nos são impostos.

Vivemos num clima de grande desconforto, tornando-se necessário e urgente recuperar a confiança pois, sem esta, não pode haver bom relacionamento humano e uma convivência saudável que conduza à PAZ e à ESPERANÇA num futuro melhor.

Seria bom que os mais socialmente beneficiados não se esqueçam que, do outro lado do muro, há uma multidão de pessoas fragilizadas pelos mais variados problemas que lhes bateram à porta e são do conhecimento geral.

Acreditamos que o espírito de solidariedade, que sempre foi apanágio dos portugueses, se estenda a cada homem, mulher e criança, a cada família ou comunidade, fazendo-o de coração aberto, não só dando mas acima de tudo “dando-se”.

Crises como a que vivemos têm surgido ao longo da História da Humanidade e, com sucesso, têm sido superadas.

Já em 1833, em França, António Frederico Ozanam, académico brilhante, fundador da Sociedade de S. Vicente de Paulo, considerava que “a questão que agitava o mundo não era uma questão política, mas uma questão social, entrando na análise de problemas como o do justo salário, propriedade privada, relacionamento entre patrões e operários”.

Que a ESPERANÇA nunca nos abandone, que tudo pode mudar para melhor e, por arrastamento, que haja trabalho para todos.

Frente aos valores do dinheiro, do poder e do prestígio, Jesus Cristo oferece o da partilha, da solidariedade e o do serviço, como atributos fundamentais do crente. E que nos dê também o dom da FÉ.

“E quando alguém nos estender a mão, pedindo pão, um abraço fraterno ou simplesmente um pouco do nosso tempo, saibamos dar sem medida, sem esperar nada em troca!” (Pe. Nélcio Pita, CM)

Vamos todos pensar positivamente e viver em ESPERANÇA, prolongando-a por todo o ano, confiando num futuro melhor na fraternidade, tendo Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Mãe Maria Santíssima como nossos companheiros de viagem. 🐟

Nós somos pobres de Cristo. Sabemos a quem servimos. Trabalhamos por devoção e esperamos a hora derradeira. Nada do que fazemos se perde, ainda mesmo que tudo se perca, quanto aos mais.

Estes princípios, postos ao serviço da Humanidade, causam a mais santa e a mais feroz de todas as revoluções.

Pai Américo

Angelus de Bento XVI Epifania do Senhor



Praça de São Pedro - Vaticano

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Queridos irmãos e irmãs!

Celebramos hoje a solenidade da Epifania do Senhor. É uma festa muito antiga, que tem a sua origem no Oriente cristão e coloca em realce o mistério da manifestação de Jesus Cristo a todos os povos, representados pelos magos que foram adorar o Rei dos Judeus recém-nascido em Belém, como narra o Evangelho de Mateus (cf. 2,1-12). Aquela “luz nova” que se acendeu na noite de Natal (cf. Prefácio de Natal I), hoje, começa a resplandecer no mundo, como sugere a imagem da estrela, um sinal celeste que atraiu a atenção dos Magos e guiou-os na sua viagem rumo à Judeia.

Todo o período do Natal e da Epifania é caracterizado pelo tema da luz, ligado também ao fato de que, no hemisfério norte, após o solstício de inverno, o dia volta a ser mais duradouro que a noite. Mas, para além da posição geográfica, para todos os povos vale a palavra de Cristo: “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Jesus é o sol aparecido no horizonte da humanidade para iluminar a existência pessoal de cada um de nós e para guiar-nos todos juntos rumo à meta da nossa peregrinação, rumo à terra da liberdade e da paz, em que viveremos para sempre em plena comunhão com Deus e entre nós.

O anúncio deste mistério de salvação foi confiado por Cristo à sua Igreja. “Isso – escreve São Paulo – foi revelado pelo Espírito aos seus santos

apóstolos e profetas. A saber: que os gentios são co-herdeiros conosco (que somos judeus), são membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Jesus Cristo pelo Evangelho” (Ef 3,5-6). O convite que o profeta Isaías destinava à cidade santa de Jerusalém pode-se aplicar à Igreja: “Levanta-te, sê radiosa, eis a tua luz! A glória do Senhor se levanta sobre ti. Vê, a noite cobre a terra e a escuridão, os povos, mas sobre ti levanta-se o Senhor, e sua glória te ilumina” (Is 60,1-2). É assim: o mundo, com todos os seus recursos, não é capaz de dar à humanidade a luz para orientar o seu caminho. Percebemos isso também em nossos dias: a civilização ocidental parece ter esquecido a orientação, navega à deriva. Mas a Igreja, graças à Palavra de Deus, vê através destas neblinas. Não possui soluções técnicas, mas tem o olhar voltado à meta, e oferece a luz do Evangelho a todos os homens de boa vontade, de toda a nação e cultura.

É esta também a missão dos Representantes Pontifícios junto aos Estados e Organizações internacionais. Exatamente nesta manhã tive a alegria de conferir a ordenação episcopal a dois novos Núncios Apostólicos. Confiemos à Virgem Maria o seu serviço e a obra da evangelização de toda a Igreja.

Benedictus PP XVI

Ao final do Angelus, o Papa disse:

Queridos irmãos e irmãs estou feliz por dirigir as mais cordiais saudações às Igrejas Orientais que, segundo o calendário juliano, amanhã celebrarão o Santo Natal. Cada família e cada comunidade seja plena pela luz e pela paz de Cristo Salvador! Recordo, além disso, que a Epifania é também a Jornada Missionária das Crianças, promovida pela Pontifícia Obra da Santa Infância. Crianças de todo o mundo, reunidas em grupos, formam-se em uma sensibilidade missionária e sustentam tantos projetos de solidariedade para os seus coetâneos.

Queridos meninos e meninas! O vosso coração esteja aberto ao mundo, da mesma forma como o coração de Jesus, mas estejais também atentos a quem vive ao vosso lado, sempre prontos a estender a sua mão. ☺

MENSAGEM DE ANO NOVO



Os meios de comunicação social enchem-nos todos os dias os ouvidos com a palavra crise e dizem-nos que o ano de 2012 vai ser de grandes sacrifícios. Cada vez que os ouço, faço sempre a mesma pergunta: Mas para quem são os sacrifícios? Para todos, em geral, ou para os mais desfavorecidos e para a classe média? E chego sempre à mesma conclusão: para os mais ricos é que não é.

Senão vejamos, a quem vai afectar os brutais aumentos nas taxas moderadoras da saúde? A quem vai afectar os aumentos do IVA? A quem vai afectar os aumentos da electricidade, do gás e da água? Quem vai ficar desempregado? Não será necessário responder estas perguntas porque a resposta é óbvia.

Nós, Vicentinos, com a força que nos vem do Espírito Santo, do nosso patrono São Vicente de Paulo e do nosso fundador Beato Frederico Ozanam, não nos deixamos abater por todas estas notícias, pelo contrário, ganhamos mais força para podermos ajudar o nosso próximo, tanto a nível espiritual como material.

Assim, vamos encarar o ano de 2012 como um ano para realizarmos a nossa missão com alegria, entusiasmo e muita fé no futuro, pois só assim poderemos chegar com uma palavra de amor àqueles que estão deprimidos e desanimados e sentirem em nós um sinal de esperança.

Jesus Cristo deixou-nos uma mensagem de amor e trouxe-nos a boa nova “AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO EU VOS AMEI”, a nossa missão é difundir esta mensagem de amor e carinho junto dos mais carenciados.

Vamos todos unidos empenharmo-nos em formar mais Conferências, trazer para junto de nós mais pessoas com espírito Vicentino para, assim, podermos construir uma rede de amor e caridade que cada vez chegue a mais e mais pessoas que tanto precisam de nós.

Um Feliz e Santo Ano de 2012! ☺

EDUCAR OS JOVENS PARA A JUSTIÇA E A PAZ

O início de um novo ano, dom de Deus à humanidade, induz-me a desejar a todos, com grande confiança e estima, de modo especial que este tempo, que se abre diante de nós, fique marcado concretamente pela justiça e a paz.

Com qual atitude devemos olhar para o novo ano? No salmo 130, encontramos uma imagem muito bela. O salmista diz que o homem de fé aguarda pelo Senhor «mais do que a sentinela pela aurora» (v. 6), aguarda por Ele com firme esperança, porque sabe que trará luz, misericórdia, salvação. Esta expectativa nasce da experiência do povo eleito, que reconhece ter sido educado por Deus a olhar o mundo na sua verdade sem se deixar abater pelas tribulações. Convido-vos a olhar o ano de 2012 com esta atitude confiante. É verdade que, no ano que termina, cresceu o sentido de frustração por causa da crise que aflige a sociedade, o mundo do trabalho e a economia; uma crise, cujas raízes são primariamente culturais e antropológicas. Quase parece que um manto de escuridão teria descido sobre o nosso tempo, impedindo de ver com clareza a luz do dia.

Mas, nesta escuridão, o coração do homem não cessa de aguardar pela

aurora de que fala o salmista. Esta expectativa mostra-se particularmente viva e visível nos jovens; e é por isso que o meu pensamento se volta para eles considerando o contributo que podem e devem oferecer à sociedade. Queria pois, revestir a Mensagem para o XLV Dia Mundial da Paz duma perspectiva educativa: «Educar os jovens para a justiça e a paz», convencido de que eles podem, com o seu entusiasmo e idealismo, oferecer uma nova esperança ao mundo.

A minha Mensagem dirige-se também aos pais, às famílias, a todas as componentes educativas formadoras bem como aos responsáveis nos diversos âmbitos da vida religiosa, social, política, económica, cultural e mediática. Prestar atenção ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo para a construção dum futuro de justiça e de paz não é só uma oportunidade mas um dever primário de toda a sociedade.

Trata-se de comunicar aos jovens o apreço pelo valor positivo da vida, suscitando neles o desejo de consumá-la ao serviço do Bem. Esta é uma tarefa, na qual todos nós estamos, pessoalmente, comprometidos.

As preocupações manifestadas por muitos jovens nestes últimos tem-





pos em várias regiões do mundo, exprimem o desejo de poder olhar para o futuro com fundada esperança. Na hora actual, muitos são os aspectos que os trazem apreensivos: o desejo de receber uma formação que os prepare de maneira mais profunda para enfrentar a realidade, a dificuldade de formar uma família e encontrar um emprego estável, a capacidade efectiva de intervir no mundo da política, da cultura e da economia contribuindo para a construção duma sociedade de rosto mais humano e solidário.

É importante que estes fermentos e o idealismo que encerram encontrem a devida atenção em todas as componentes da sociedade. A Igreja olha para os jovens com esperança, tem confiança neles e encoraja-os a procurarem a verdade, a defenderem o bem comum, a possuírem

perspectivas abertas sobre o mundo e olhos capazes de ver «coisas novas» (Is 42, 9; 48, 6).

Os responsáveis da educação

A educação é a aventura mais fascinante e difícil da vida. Educar – na sua etimologia latina *educere* – significa conduzir para fora de si mesmo ao encontro da realidade, rumo a uma plenitude que faz crescer a pessoa. Este processo alimenta-se do encontro de duas liberdades: a do adulto e a do jovem. Isto exige a responsabilidade do discípulo, que deve estar disponível para se deixar guiar no conhecimento da realidade, e a do educador, que deve estar disposto a dar-se a si mesmo. Mas, para isso, não bastam meros dispensadores de regras e informa-



ções; são necessárias testemunhas autênticas, ou seja, testemunhas que saibam ver mais longe do que os outros, porque a sua vida abraça espaços mais amplos. A testemunha é alguém que vive, primeiro, o caminho que propõe.

E quais são os lugares onde amadurece uma verdadeira educação para a paz e a justiça? Antes de mais nada, a família, já que os pais são os primeiros educadores. A família é a célula originária da sociedade. «É na família que os filhos aprendem os valores humanos e cristãos que permitem uma convivência construtiva e pacífica. É na família que aprendem a solidariedade entre as gerações, o respeito pelas regras, o perdão e o acolhimento do outro».¹ Esta é a primeira escola, onde se educa para a justiça e a paz.

Vivemos num mundo em que a família e até a própria vida se vêm constantemente ameaçadas e, não raro, destroçadas. Condições de trabalho frequentemente pouco compatíveis com as responsabilidades familiares, preocupações com o futuro, ritmos frenéticos de vida, emigração à procura dum adequado sustentamento se não mesmo da pura sobrevivência, acabam por tornar difícil a possibilidade de assegurar aos filhos um dos bens mais preciosos: a presença dos pais; uma

presença, que permita partilhar de forma cada vez mais profunda o caminho para se poder transmitir a experiência e as certezas adquiridas com os anos – o que só se torna viável com o tempo passado juntos. Queria aqui dizer aos pais para não desanimarem! Com o exemplo da sua vida, induzam os filhos a colocar a esperança antes de tudo em Deus, o único de quem surgem justiça e paz autênticas.

Quero dirigir-me também aos responsáveis das instituições com tarefas educativas: Velem, com grande sentido de responsabilidade, por que seja respeitada e valorizada em todas as circunstâncias a dignidade de cada pessoa. Tenham a peito que cada jovem possa descobrir a sua própria vocação, acompanhando-o para fazer frutificar os dons que o Senhor lhe concedeu. Assegurem às famílias que os seus filhos não terão um caminho formativo em contraste com a sua consciência e os seus princípios religiosos.

Possa cada ambiente educativo ser lugar de abertura ao transcendente e aos outros; lugar de diálogo, coesão e escuta, onde o jovem se sinta valorizado nas suas capacidades e riquezas interiores e aprenda a apreciar os irmãos. Possa ensinar a saborear a alegria que deriva de viver dia-após-dia a caridade e a compaixão para com o próximo e de participar activamente na cons-

¹ Bento XVI, *Discurso aos administradores da Região do Lácio do Município e da Província de Roma* (14 de Janeiro de 2011): *L'Osservatore Romano* (ed. Port. de 22/1/2011), 5.

trução duma sociedade mais humana e fraterna.

Dirijo-me, depois, aos responsáveis políticos, pedindo-lhes que ajudem concretamente as famílias e as instituições educativas a exercerem o seu direito-dever de educar. Não deve jamais faltar um adequado apoio à maternidade e à paternidade. Actuem de modo que a ninguém seja negado o acesso à instrução e que as famílias possam escolher livremente as estruturas educativas consideradas mais idóneas para o bem dos seus filhos. Esforcem-se por favorecer a reunificação das famílias que estão separadas devido à necessidade de encontrar meios de subsistência. Proporcionem aos jovens uma imagem transparente da política, como verdadeiro serviço para o bem de todos.

Não posso deixar de fazer apelo ainda ao mundo dos media para que prestem a sua contribuição educativa. Na sociedade actual, os meios de comunicação de massa têm uma função particular: não só informam, mas também formam o espírito dos seus destinatários e, conseqüentemente, podem concorrer notavelmente para a educação dos jovens. É importante ter presente a ligação estreitíssima que existe entre educação e comunicação: de facto, a educação realiza-se por meio da comunicação, que influi positiva ou negativamente na formação da pessoa.

Também os jovens devem ter a coragem de começar, eles mesmos, a

viver aquilo que pedem a quantos os rodeiam. Que tenham a força de fazer um uso bom e consciente da liberdade, pois cabe-lhes em tudo isto uma grande responsabilidade: são responsáveis pela sua própria educação e formação para a justiça e a paz.

Educar para a verdade e a liberdade

Santo Agostinho perguntava-se: «*Quid enim fortius desiderat anima quam veritatem* – que deseja o homem mais intensamente do que a verdade?». ²

O rosto humano duma sociedade depende muito da contribuição da educação para manter viva esta questão inevitável. De facto, a educação diz respeito à formação integral da pessoa, incluindo a dimensão moral e espiritual do seu ser, tendo em vista o seu fim último e o bem da sociedade a que pertence. Por isso, a fim de educar para a verdade, é preciso antes de mais nada saber o que é a pessoa humana, conhecer a sua natureza. Olhando a realidade que o rodeava, o salmista pôs-se a pensar: «Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que Vós criastes: que é o homem para Vos lembrar-des dele, o filho do homem para com ele Vos preocupardes?» (Sl 8,



² Comentário ao Evangelho de S. João, 26, 5.

4-5). Esta é a pergunta fundamental que nos devemos colocar: Que é o homem? O homem é um ser que traz no coração uma sede de infinito, uma sede de verdade – não uma verdade parcial, mas capaz de explicar o sentido da vida – porque foi criado à imagem e semelhança de Deus. Assim, o facto de reconhecer com gratidão a vida como dom inestimável leva a descobrir a dignidade profunda e a inviolabilidade própria de cada pessoa. Por isso, a primeira educação consiste em aprender a reconhecer no homem a imagem do Criador e, conseqüentemente, a ter um profundo respeito por cada ser humano e ajudar os outros a realizarem uma vida conforme a esta sublime dignidade. É preciso não esquecer jamais que «o autêntico desenvolvimento do homem diz respeito unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões»,³ incluindo a transcendente, e que não se pode sacrificar a pessoa para alcançar um bem particular, seja ele económico ou social, individual ou colectivo.

Só na relação com Deus é que o homem compreende o significado da sua liberdade, sendo tarefa da educação formar para a liberdade autêntica. Esta não é a ausência de vínculos, nem o império do livre arbítrio; não é o absolutismo do eu.

Quando o homem se crê um ser absoluto, que não depende de nada nem de ninguém e pode fazer tudo o que lhe apetece, acaba por contradizer a verdade do seu ser e perder a sua liberdade. De facto, o homem é precisamente o contrário: um ser relacional, que vive em relação com os outros e sobretudo com Deus. A liberdade autêntica não pode jamais ser alcançada, afastando-se d'Ele.

A liberdade é um valor precioso, mas delicado: pode ser mal entendida e usada mal. «Hoje um obstáculo particularmente insidioso à acção educativa é constituído pela presença maciça, na nossa sociedade e cultura, daquele relativismo que, nada reconhecendo como definitivo, deixa como última medida somente o próprio eu com os seus desejos e, sob a aparência da liberdade, torna-se para cada pessoa uma prisão, porque separa uns dos outros, reduzindo cada um a permanecer fechado dentro do próprio “eu”. Dentro de um horizonte relativista como este, não é possível, portanto, uma verdadeira educação: sem a luz da verdade, mais cedo ou mais tarde cada pessoa está, de facto, condenada a duvidar da bondade da sua própria vida e das relações que a constituem, da validade do seu compromisso para construir com os outros algo em comum»⁴.

³ Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 11: AAS 101 (2009), 648; cf. Paulo VI, Carta enc. *Populorum progressio* (26 de Março de 1967), 14: AAS 59 (1967), 264.

⁴ Bento XVI, *Discurso por ocasião da abertura do Congresso eclesial diocesano na Basílica de São João de Latrão* (6 de Junho de 2005): AAS 97 (2005), 816.

Por conseguinte o homem, para exercer a sua liberdade, deve superar o horizonte relativista e conhecer a verdade sobre si próprio e a verdade acerca do que é bem e do que é mal. No íntimo da consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer e cuja voz o chama a amar e fazer o bem e a fugir do mal, a assumir a responsabilidade do bem cumprido e do mal praticado.⁵

Por isso o exercício da liberdade está intimamente ligado com a lei moral natural, que tem carácter universal, exprime a dignidade de cada pessoa, coloca a base dos seus direitos e deveres fundamentais e, consequentemente, da convivência justa e pacífica entre as pessoas.

Assim o recto uso da liberdade é um ponto central na promoção da justiça e da paz, que exigem de cada um o respeito por si próprio e pelo outro, mesmo possuindo um modo de ser e viver distante do meu. Desta atitude derivam os elementos sem os quais paz e justiça permanecem palavras desprovidas de conteúdo: a confiança recíproca, a capacidade de encetar um diálogo construtivo, a possibilidade do perdão, que muitas vezes se quereria obter mas sente-se dificuldade em conceder, a caridade mútua, a compaixão para com os

mais frágeis, e também a prontidão ao sacrifício.

Educar para a justiça

No nosso mundo, onde o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos, não obstante as proclamações de intentos, está seriamente ameaçado pela tendência generalizada de recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade, do lucro e do ter, é importante não separar das suas raízes transcendentais o conceito de justiça. De facto, a justiça não é uma simples convenção humana, pois o que é justo determina-se originariamente não pela lei positiva, mas pela identidade profunda do ser humano. E a visão integral do homem que impede de cair numa concepção contratualista da justiça e permite abrir também para ela o horizonte da solidariedade e do amor.⁶

Não podemos ignorar que certas correntes da cultura moderna, apoiadas em princípios económicos racionalistas e individualistas, alienaram das suas raízes transcendentais o conceito de justiça, separando-o da caridade e da solidariedade. Ora «a “cidade do homem” não se move apenas por relações feitas de direitos e de deveres, mas antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão. A cari-



⁵ Cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. Past. sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes*, 16.

⁶ Cf. Bento XVI, *Discurso ao Parlamento federal alemão* (Berlim, 22 de Setembro de 2011): *L'Osservatore Romano* (ed. port. de 24/IX/2011), 4-5.

dade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teológico e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo».⁷

«Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados» (Mt 5, 6). Serão saciados, porque têm fome e sede de relações justas com Deus, consigo mesmo, com os seus irmãos e irmãs, com a criação inteira.

Educar para a paz

«A paz não é só ausência de guerra, nem se limita a assegurar o equilíbrio das forças adversas. A paz não é possível na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos e a prática assídua da fraternidade».⁸ A paz é fruto da justiça e efeito da caridade. É, antes de mais nada, dom de Deus. Nós, os cristãos, acreditamos que a nossa verdadeira paz é Cristo: n'Ele, na sua Cruz, Deus reconciliou consigo o mundo e destruiu as barreiras que nos separavam uns dos outros (cf. Ef 2, 14-18); n'Ele, há uma única família reconciliada no amor.

A paz, porém, não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-

-nos para a compaixão, a solidariedade, a colaboração, a fraternidade, ser activos dentro da comunidade e solícitos em despertar as consciências para as questões nacionais e internacionais e para a importância de procurar adequadas modalidades de redistribuição da riqueza, de promoção do crescimento, de cooperação para o desenvolvimento e de resolução dos conflitos. «Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» – diz Jesus no sermão da montanha (Mt 5,9).

A paz para todos nasce da justiça de cada um, e ninguém pode subtrair-se a este compromisso essencial de promover a justiça segundo as respectivas competências e responsabilidades. De forma particular convido os jovens, que conservam viva a tensão pelos ideais, a procurarem com paciência e tenacidade a justiça e a paz e a cultivarem o gosto pelo que é justo e verdadeiro, mesmo quando isso lhes possa exigir sacrifícios e obrigue a caminhar contracorrente.

Levantar os olhos para Deus

Perante o árduo desafio de percorrer os caminhos da justiça e da paz, podemos ser tentados a interrogar-nos como o salmista: «Levanto os olhos para os montes, de onde me virá o auxílio?» (Sl 121, 1).

A todos, particularmente aos jovens, quero bradar: «Não são as ideo-



⁷ Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 6: AAS 101 (2009), 644-645.

⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, 2304.

logias que salvam o mundo, mas unicamente o voltar-se para o Deus vivo, que é o nosso criador, o garante da nossa liberdade, o garante do que é deveras bom e verdadeiro (...), o voltar-se sem reservas para Deus, que é a medida do que é justo e, ao mesmo tempo, é o amor eterno. E que mais nos poderia salvar senão o amor?»⁹ O amor rejubila com a verdade, é a força que torna capaz de comprometer-se pela verdade, pela justiça, pela paz, porque tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (cf. *1 Cor 13*, 1-13).

Queridos jovens, vós sois um dom precioso para a sociedade. Diante das dificuldades, não vos deixeis invadir pelo desânimo nem vos abandoneis a falsas soluções, que frequentemente se apresentam como o caminho mais fácil para superar os problemas. Não tenhais medo de vos empenhar, de enfrentar a fadiga e o sacrifício, de optar por caminhos que requerem fidelidade e constância, humildade e dedicação. Vivei com confiança a vossa juventude e os anseios profundos que sentis de felicidade, verdade, beleza e amor verdadeiro. Vivei intensamente esta fase da vida, tão rica e cheia de entusiasmo.

Sabei que vós mesmos servis de exemplo e estímulo para os adultos, e tanto mais o sereis quanto mais vos esforçardes por superar

as injustiças e a corrupção, quanto mais desejardes um futuro melhor e vos comprometerdes a construí-lo. Cientes das vossas potencialidades, nunca vos fecheis em vós próprios, mas trabalhai por um futuro mais luminoso para todos. Nunca vos sintais sozinhos! A Igreja confia em vós, acompanha-vos, encoraja-vos e deseja oferecer-vos o que tem de mais precioso: a possibilidade de levantar os olhos para Deus, de encontrar Jesus Cristo – Ele que é a justiça e a paz.

Oh vós todos, homens e mulheres, que tendes a peito a causa da paz! Esta não é um bem já alcançado mas uma meta, à qual todos e cada um deve aspirar. Olhemos, pois, o futuro com maior esperança, encorajemo-nos mutuamente ao longo do nosso caminho, trabalhemos para dar ao nosso mundo um rosto mais humano e fraterno e sintamo-nos unidos na responsabilidade que temos para com as jovens gerações, presentes e futuras, nomeadamente quanto à sua educação para se tornarem pacíficas e pacificadoras!

Apoiado em tal certeza, envio-vos estas reflexões que se fazem apelo:

Unamos as nossas forças espirituais, morais e materiais, a fim de «educar os jovens para a justiça e a paz». ☕



⁹ Bento XVI, *Homília durante a vigília com os jovens* (Colônia, 20 de Agosto de 2005): AAS 97 (2005), 885-886.

Vaticano, 8 de Dezembro de 2011.

NAS ASAS DA ESPERANÇA

= ESQUEMA =

“Somos atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses; perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Incessantemente e por toda a parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo. Com efeito, nós embora vivamos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nossa carne mortal”. (Cor. 4, 8-11)

De que falamos?

A esperança é o lado da fé que nos assegura que Deus cuida do mundo, das pessoas e de cada um de nós; e que nunca nos abandona, mesmo que a fidelidade ao seu Projeto de Amor não seja o nosso caminho mais quotidiano e persistente. Trata-se de confiar na Bondade divina, porque leva por diante aquilo que prometeu. A esperança assegura-nos que Deus nos concede as graças necessárias para levar por diante a missão que nos confia, nomeadamente, essa missão maior de fazer da nossa vida um Caminho sempre novo e feliz.

Algumas situações de desesperança

- **Apatia.** Sem quase notarmos, a vida vai-se tornando algo de insensível e apagado. Pouco a pouco, vai faltando o dinamismo e o entusiasmo. Entra-se por um processo de sobrevivência e de manutenção, em vez duma autêntica vida com vitalidade.
- **Angústia.** A angústia e os seus “irmãos gêmeos” (stress, ansiedade, medo, fenómenos depressivos...) estão muito presentes nas pessoas deste tempo e, muito especialmente, neste país. A tristeza e o mau humor vão tomando posse do dia-a-dia. É caminho aberto para a



maledicência e para a murmuração permanente.

- **Cansaço e desânimo.** A vida torna-se pesada e aborrecida. A pessoa sente-se oprimida pelo peso do dia-a-dia. Pouco a pouco, é o deslize para a indiferença e para a preguiça: falta de projetos, gosto excessivo pela cama, aborrecimento nervoso e pouco eficiente das tarefas quotidianas...
- **Vazio.** A pessoa torna-se cada vez

mais frívola e superficial. Com resistência cada vez maior a tudo o que exija esforço ou sacrifício. Desta maneira, a vida vai-se tornando muito pequenina e o indivíduo vai envelhecendo por dentro. O pecado torna-se banal e a vida transforma-se em rotina. Sábia a reflexão de D. José Policarpo, a propósito da diminuição da prática dominical: “O que me aflige não são as igrejas vazias, mas os corações vazios” (citação livre).

– **Fracassos do “nosso” apostolado.** Provavelmente, fizemos uma aposta bem alta, nomeadamente nos anos mais

jovens da nossa vida, no sentido duma entrega bem forte. Passados anos, podemos cair na sensação de que todos os esforços foram inúteis! Esta sensação de fracasso coincide, normalmente, com um novo período da vida, muito mais marcado pela interioridade e por um certo negativismo.

– **Mais algumas situações:** violência e corrupção, pessimismo e negativismo, cultura de morte e fome, império dos “media” e desmoronamento da família, fosso entre ricos e pobres e descrédito dos políticos, crise de vida espiritual...

Esperança tem nome: Jesus Cristo

“Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na sua grande misericórdia nos gerou de novo – através da ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos – para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, imaculada e indefetível, reservado no céu para vós, a quem o poder de Deus guarda, pela fé, até alcançardes a salvação que está pronta para se manifestar no momento final”. (1 Pedro, 1, 3-5)

– A nossa *Esperança tem Nome* – Jesus Cristo. E fundamenta-se num acontecimento: a Ressurreição. Apenas a partir de Cristo ressuscitado nos é revelado o futuro último a esperar para a Humanidade, o caminho que pode conduzir a pessoa humana à verdadeira plenitude e a garantia última perante o fracasso, a injustiça e a morte.

– É a Ressurreição de Jesus que abre de

par em par a Humanidade para um futuro de vida plena: “Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos há-de ressuscitar a nós pelo seu poder” (1Cor. 6, 14). Assim, as guerras, os genocídios, as limpezas étnicas, a sida, o cancro... não constituem o horizonte último da História.

– A Ressurreição de Cristo garante, ao mesmo tempo, a Esperança numa justiça última. Deus não vai permitir que o veredicto triunfe sobre as suas vítimas: “derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes” (Lc. 1, 52).

– Esperança é o Nome de Jesus, mas é também o verdadeiro *Nome do nosso Deus*. Em Jesus Cristo, sabemos que Deus é Amor (1Jo. 4,8), mas amor redentor, comunicação redentora.

– Claro que é deste Jesus Vivo e Ressuscitado que nasce toda a verdadeira Esperança – uma Esperança única e universal, uma Esperança viva e incorruptível. Por vezes, gastamos demasiado



tempo a “contar os nossos exércitos” (como fez David), quando apenas Cristo conta! “*Com Cristo, maioria absoluta*” – gostam de dizer os irmãos cursistas.

– Mas Jesus Cristo é, ainda, a nossa Esperança, por uma razão muito especial e de sabor escatológico: Ele, como Verbo de Vida, concede-nos a Vida eterna (“*vim para que tenham vida e a tenham em abundância*” – Jo. 10,10). Ora, a Vida que Jesus nos concede tem necessariamente a Sua matriz de infinitude – trata-se duma Vida sem limites de espaço ou de tempo.

Apelos veementes

Bem importante que as dificuldades e desvios à verdadeira esperança, que anotámos sumariamente, não sirva de narcótico que nos adormeça ou anestesie, mas de verdadeiro despertar para uma autêntica Esperança cristã. Quando as coisas se complicam e, aparentemente, estão sem solução... é a altura para esperar a intervenção do Deus bíblico – o “Deus dos impossíveis”! Algumas atitudes consequentes com a verdadeira Esperança cristã:


– **Rasgar horizontes.** A Vida é muito mais do que aquilo que se vê. A Realidade é bem mais complexa e profunda do que aquela que é professada por um realismo de pequena dimensão. As fronteiras do possível não estão delimitadas pelas barreiras do presente. Perante uma visão plana da história, sem metas nem rasgos, é preciso levantar a Esperança cristã como abertura para um mundo em marcha e sempre em aberto. Não basta aceitar as coisas como são, mas apostar naquilo que deve ser, naquilo que é “urgente que seja”. Se reduzimos tudo às pequenas esperanças da história, que esperança pode haver para os que sofrem, os débeis, os velhos, os que não fazem parte dos privilegiados? ... Que sentido pode ter uma vida eternamente inacabada, sem essa possibilidade duma realização definitiva?

– **Introduzir sentido humano no**

progresso. A crítica da esperança a este mundo injusto não pode limitar-se a uma débil resistência, perante a cobardia de tantos “escravos satisfeitos”. Deve ser um sim construtivo ao presente, em vista duma realidade diferente e melhor. A esperança cristã deve introduzir nesta sociedade verdadeira sede de justiça e compromisso de humanização. Que significado têm palavras pomposas como liberdade, emancipação, democracia, solidariedade, se tudo fica reduzido a grandes planificações económicas que sacrificam os pobres ao hedonismo desenfreado que atrofia os privilegiados? A verdadeira esperança é denúncia permanente a essa utilização pragmática da técnica que apenas atende à eficácia e ao rendimento e menospreza os verdadeiros valores humanos.



– **Uma esperança criativa.**

- Que, frente ao niilismo fatigado, professe verdadeira fé em Deus!
- Que, frente ao pragmatismo eficientista, promova a defesa incondicional de toda a pessoa!
- Que, perante o individualismo e a indiferença, faça brotar flores de solidariedade e de amor!
- Que, perante a insensibilidade e a violência, faça aparecer a misericórdia e a bondade!
- Que, frente à violência, faça surgir o diálogo, a reconciliação, o perdão.
- Que, perante o divertimento fácil e superficial, faça aparecer a verdadeira alegria, que nasce do Lado Aberto do Senhor, do Sepulcro Aberto da manhã de Páscoa e duma Porta sempre Aberta por onde todo o Povo de Deus possa entrar!... 

Preparando o Sínodo de 2012

EVANGELIZAÇÃO “EM CRISE”?

Ao escolher “a nova evangelização para a transmissão da fé cristã” como tema da assembleia sinodal de 2012, Bento XVI demonstra a urgência da Igreja em se aperfeiçoar e actualizar no anúncio da Boa Nova, ao ver-se confrontada com sérios obstáculos de índole cultural, que constituem o maior desafio alguma vez colocado à sua missão evangelizadora.

Os cenários da “nova evangelização”. Reunida pelo Espírito Santo, a Igreja recebeu como **missão essencial anunciar e testemunhar** a Boa Nova de Jesus Cristo. Ora, novos tempos pedem novas atitudes e novos estilos de evangelizar nesta Igreja, que luta por nova síntese «entre Evangelho e vida» para introduzir a mensagem de Cristo nas «entranhas do mundo moderno».

O Vaticano II quis tornar a Igreja mais capaz de anunciar o Evangelho ao mundo de hoje. Decorridos 47 anos, o esforço evangelizador esbarra com enormes resistências, especialmente da chamada «cultura pós-moderna».

Desafios do “pluralismo cultural”. Desde o início da evangelização as comunidades necessitaram de inventar os melhores caminhos para a inculturação do Evangelho. E o Espírito Santo nunca foi avaro em suscitar nelas enorme criatividade evangelizadora. Mas, talvez nunca como agora a Igreja se tenha confrontado com dificuldades desta monta na sua missão.

O Documento preparatório do Sínodo aponta diferentes «cenários», que condicionam a evangelização no mundo de hoje: o secularismo, o fenómeno migratório, o desafio da comunicação social, a economia e a política. De todos, porém, **o secularismo ou «pluralismo cultural» é o que mais problemas coloca** à evangelização, devido à fragmentação de ideias, à quebra de valores e costumes antes considerados intocáveis.

Abandonados os valores universais, mesmo que reconhecidos como «direitos humanos», a nova cultura tornou-se um mostruário donde cada um escolhe o que mais lhe agrada. De facto, qualquer pretensão da verdade e elaboração do quadro de valores estão condicionados pelo individualismo e relativismo, que passam a norma de moralidade. Contra este individualismo e relativismo de valores, se insurgiu Bento XVI na homilia aos jovens, durante a última **Jornada Mundial da Juventude**.

Procura doutra nova evangelização? No actual quadro do mundo pluricultural busca-se outra «nova evangelização», que procura «fazer diferente do que sempre se fez», e um maior zelo missionário que ouse propor a questão de Deus à sociedade neste mundo opaco.

Como os sábios do areópago de Atenas, a sociedade pós-moderna mostra-se indiferente e fria perante



o Deus «desconhecido». A Igreja é confrontada com um desafio cultural, que apenas assegura uma ética mínima, equivalente a uma antropologia mínima, que consiste em viver como se Deus não existisse.

Requerem-se comunidades cristãs com ardor missionário e um novo estilo de missão, que se misturem com a «comunidade humana» e não pacuem com a «cultura da indiferença» e a moral de permissividade (nº. 6).

Inventem-se novos evangelizadores. Para a evangelização do mundo actual, reclamam-se «**novos evangelizadores**», que penetrem na cultura pós-moderna e em tudo quanto gravita à sua volta no referente à «possibilidade ou não de o homem pós-moderno ter uma verdade» – ele, que tudo faz para se libertar da verdade da fé, como se esta fosse inimiga

da liberdade individual. É necessária uma «nova evangelização» da cultura e das culturas (EN 19). Para tal, será conveniente estar seguro de algumas ideias comuns, como:

1. Centrar a evangelização em Cristo. O coração da nova evangelização só pode ser o anúncio do amor gratuito de Deus, revelado em Jesus Cristo. «Deus ama-te. Cristo veio para te salvar» (ChL, 34). Fala-nos dum Deus amigo – o «Emmanuel» (Mt 1,23) e da promessa duma amizade sem fim, face a face com Deus (1 Cor 13,12).

2. Inventar outro estilo de comunidades. Na complexidade da cultura actual, são precisos novos modelos de comunidades cristãs, mais próximas do mundo, mais missionárias, que despertem a Esperança.

Sem comunidades eclesiais maduras, libertas de cargas históricas superficiais, de janelas e portas escancaradas ao mundo, facilmente se abafa o sopro do Espírito, que tudo renova (nº. 6).

3. Evangelização de cara para as pessoas. «A glória de Deus é o homem vivo» (Stº. Ireneu). Existe na cultura moderna o preconceito de que a fé seria «castradora do homem» e limitadora da sua liberdade.

Bem pelo contrário, a «nova evangelização», como deve ser entendida hoje, evidencia que, pela fé, a pessoa se torna verdadeiramente livre e que a causa de Deus não se opõe às causas do homem. ☰

In “Bíblica”


ALIADOS PRIVILEGIADOS DA IGREJA

“Os mais pobres e os que sofrem serão sempre os nossos aliados privilegiados. A Igreja fará por vós e convosco, tudo o que puder. Quermos ser, para todos, porta de acolhimento e lugar de partilha”.

Estas são palavras do Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, em Fátima, na abertura da 178^a. Assembleia Plenária da Comissão Episcopal Portuguesa (CEP). Numa mensagem dirigida aos políticos, empresários e sindicatos e perante a conjuntura actual que toda a sociedade está a viver, pediu “verdade, equidade e solidariedade”, a propósito do que deve ser “o serviço em favor da comunidade”.

Neste tempo de crise “que é complexa nas suas causas e nas soluções a procurar” e que está na base de tantas angústias, perplexidades, medos, situações de injustiça e sofrimentos, diz o Patriarca ser necessário “o discernimento para ver as implicações de cada decisão no bem comum”. Apelou ainda à “equidade, nos sacrifícios que se pedem, nos contributos que se esperam de cada pessoa ou de cada grupo social”. É bom este alerta. A quem nos governa, a quem possui os meios e tem capacidades de decisão, a quem cabe maiores responsabilidades. E a todos, pois ninguém pode ficar alheio aos tremendos problemas que aí estão a romper diariamente e aos que ainda hão-de vir. Ninguém!

A Igreja, como comunidade seguidora de Jesus Cristo, tem também de se comprometer e “sujar as mãos”, como afirmava também em Fátima, no encontro de pastoral social de há dois meses, aproximadamente, um cardeal italiano (Tettamanzi).

Dizia ele: “os cristãos não podem limitar-se a uma doutrina social perfeita. Têm que sujar as mãos, devem ser coerentes com esta doutrina”. Desde os primórdios da cristandade que o empenho da Igreja, como comunidade de irmãos em fraternidade, se tem manifestado em inúmeras e diversíssimas obras e organizações de apoio, defesa e protecção dos “mais pequeninos”, os mais fragilizados, na linguagem evangélica. Isto através dos séculos. Ainda hoje, os movimentos e organizações sócio-caritativas ligadas à Igreja Católica superam em número e em serviço, todas as outras no nosso país. Mas pergunta-se: Será que os fiéis que se dizem católicos, as comunidades paroquiais, mesmo as mais “praticantes” a nível dos actos ditos religiosos, encaram este acolhimento fraterno e o serviço gratuito e disponível a todos como imperativo da vivência da Fé? E a partilha? E a sobriedade de vida? “Se não mudar o estilo de vida, ficaremos perante outra crise”, deixou como aviso o cardeal Tettamanzi. 

* In “Mais Luz” – Águeda

VALORES PARA QUÊ?

Nos tempos de mudança todos vamos à procura das razões que a provocaram. E são inúmeras, sobretudo quando se trata de grandes alterações como aquelas que vivemos há já umas dezenas de anos e que não param de acontecer.

“Valores maiores se levantam”... e nada há que resista.

Importa é discernir sobre se os ditos valores nos trazem melhores condições de vida, se nos proporcionam outros modos de sentirmos que somos GENTE, se nos favorecem no serviço gratuito que a todos é devido e a que todos têm direito, se abrem novas perspectivas a uma vida menos penosa porque assumida na consciência e conhecimento, se abrem caminho a um relacionamento de transparência e confiança mútuas, etc...

Todos (nem todos!) teremos razões para sentir a dificuldade de cada dia nas mais diversas situações, nas da ordem financeira como na forma de relacionamento pessoal.

Qualquer pessoa dá conta da insegurança em que nos encontramos; todos falam da falta de palavra; quantos gritam pelo direito a serem respeitados como pessoas apesar de serem pobres e não poderem vestir roupa de marca; muitos mais queixam-se das exigências e atrevimentos de quem deveria acatar ensinamentos e os recusa gratuitamente porque é trabalhoso e exige esforço; uma parte significativa de alguns grupos da sociedade procura apenas ter a oportunidade de receber no final do mês sem que para tal tenha de trabalhar; não falta quem pense (e aja) que tudo lhe pertence, permitindo-lhe esbanjar, roubar, vandalizar, etc.; encontramos ainda quem se julgue com direito a exigir dos outros o máximo sem que haja uma atitude (ou palavra) de reconhecimento; não falta quem atribua ao Estado toda a responsabilidade

daquilo que não possui, querendo que seja ele (Estado) a ter obrigação de solucionar todos e cada um dos problemas; assistimos diariamente a quem queira corromper a autoridade constituída, valendo-se de qualquer meio; é constante a falta de consciência dos deveres mínimos de educação; prevalece a exigência como consequência da ignorância (apesar dos títulos académicos!); e o rosário poderia continuar...

VALORES para quê? Não é verdade que quem mais se agarra aos valores mais desprezado aparece? Não é verdade que quem procura respeitar se vem sentindo mais desrespeitado?

Não é verdade que quem é certo nas contas traz consigo o desprezo de quem procura enganar? Não é verdade que quem não se vende por uma jantarada ou uns bons presentes fica de lado por se tornar “perigoso”?

Então, que sociedade queremos?

Não podemos adoptar a política da avestruz.

Fugir aos problemas é sempre a pior solução porque não é a solução. Quando tudo se torna igual, tudo vai perdendo interesse; é a diferença que faz crescer, que provoca reacção, que desperta consciências, que alerta para o abismo que se aproxima e o pode evitar. Então, que as nossas famílias criem ambiente em suas casas para que os valores importantes se possam implementar; que as nossas escolas acolham e exijam a colaboração dos pais e encarregados de educação; que os catequistas mostrem que onde não há VALORES Deus não tem lugar.

Não haverá colheita se ninguém fez a sementeira. ☹

* In “Mais Luz”

Paróquia de St^a. Eulália - Águeda

A IMPORTÂNCIA DA MESA DA CASA DE JANTAR

Não sendo saudosista, lembremos a casa da nossa infância, do tempo em que a mãe estava em casa a trabalhar, o pai trabalhava fora e, às vezes, até os avós por já terem alguma idade viviam juntos. Sim, porque naquele tempo a palavra LAR parecia que soava mal aos nossos ouvidos e consciência.

Íamos de manhã e de tarde à escola, acompanhados ou não da mãe, ou na brincadeira com os nossos colegas. Não existia o medo nem da pedofilia, que com certeza já existia mas desconhecia-se, nem de assaltos. Íamos todos felizes, com a alegria própria de criança.



Como a terra era pequena o pai ia almoçar a casa, onde toda a família se juntava à volta da Mesa da Casa de Jantar. A televisão não existia, o dinheiro não dava para isso, daí ouvir a telefonia e ouvirmo-nos a nós. O pai falava do trabalho, a mãe das ralações da vida de casa e os avós dando os seus sábios conselhos. Nós comentávamos o que tínhamos aprendido, ocultávamos quando podíamos os ralhetes da professora. Era uma reunião familiar que se repetia ao jantar, já com o tempo mais prolongado.

Quando crescemos, a infância dá seguimento ao tempo de juventude e daí ao tempo de formar uma nova família.

Mas o tempo mudou, a tecnologia avançou com passos muito largos e hoje, e daí vem o meu saudosismo, os avós, por já não haver paciência para os aturar nem ouvir aqueles conselhos antiquados, vão para um lar, palavra banal nos nossos tempos.

Para fazermos face às dificuldades da vida, os pais trabalham sem horário fixo, alguns até chegam a casa já os filhos estão a dormir. As crianças estão entregues diariamente a uma educadora no infantário ou a uma ama. Se há adolescentes, os pais desconhecem a sua vida, pouco se vêem, não sabem da vida escolar, da vida amorosa. É uma surpresa para os pais quando descobrem que os filhos cresceram e nem deram por isso. Perderam o melhor da vida, o crescimento deles.

As refeições são feitas na rua, num bar ou num restaurante. A noite chega, ninguém falou e se calhar nem se chegam a ver uns aos outros.

Que saudades da Mesa da Casa de Jantar, aquela peça de mobiliário que parece não ter qualquer importância, mas é ela que dá vida à reunião familiar onde cada um de nós nos pomos a par das alegrias e tristezas de todos, da partilha dessas emoções. Talvez se estas reuniões, que o progresso fez esquecer, se mantivessem, isso ajudasse a diminuir a criminalidade juvenil. ☹️

CARTA AOS VICENTINOS

Queridas Irmãs Vicentinas e Irmãos Vicentinos

Não sei se é um dom, mas sei que a beleza de uma folha branca me fascina, e logo o que me vai na alma, me transporta na grande viagem das palavras, que por vezes não fazem sentido a todos.

Paciência!

Hoje relembro que todo o Vicentino é um obreiro para o céu, pois quem nos paga o salário é o Senhor, nosso Deus, com quem fizemos o Compromisso, dando-lhe tudo o que temos, e somos, pois o que somos, ao Senhor devemos.

Só Ele nos pode despedir no momento certo, e não nos vai deixar a esmo, pois tem sempre algo para nós.

Mas é preciso escutar...

É preciso ouvir pela calada da noite a Sua voz dizendo:

Alma Vicentina!

Obrigada por tudo de bom, que tens ajudado a construir e que ninguém vê!

Não desanimes, porque Eu vejo, a mais pequena manifestação de amor pelos outros, que também são meus, e ainda, as que ficaram só no teu coração, e que para mim, são como se as tivesses realizado.

Tudo o que fizeres com amor, Eu estarei para te fortalecer.

É preciso ser forte , é preciso estar vivo nos caminhos da Cruz.

Há momentos em que é preciso dar as mãos, e entrar mais na Oração.

É preciso sentir, que todo o nosso ser, é amado pelo Senhor Ressuscitado! ☺

** Vicentina de Setúbal*

O QUE VEM A SEGUIR?

JESUS SABE!

Há muito tempo, havia na corte do califa de Bagdad um bobo extraordinariamente inteligente. Durante anos nunca deixou de divertir a audiência, sempre que os seus superiores o chamavam. Mas um dia distraiu-se, não mediu bem as palavras e ofendeu o califa, que imediatamente o condenou à morte.

– No entanto – sentenciou o califa – em atenção aos teus muitos anos de serviço fiel e notável, concedo-te que

escolhas a forma como vais morrer.

– Oh, poderoso califa – respondeu o bobo – agradeço a sua admirável bondade. Sendo assim, prefiro morrer ... de velhice.

E não é o que todos desejamos? Mas isso não apaga a grande dúvida: e depois? O que acontece quando finalmente morrermos, aos 110 anos?

Jesus diz: «Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, ainda que morra, viverá para sempre.» ☞

Stº. Agostinho

A morte não é nada.

Apenas passei ao outro mundo.

Eu sou eu. Tu és tu.

O que fomos um para o outro ainda o
somos.

Dá-me o nome que sempre me deste.

Fala-me como sempre me falaste.

Não mudes o tom a um triste ou solene.

Continua rindo com aquilo que nos fazia
rir juntos.

Reza, sorri, pensa em mim, reza comigo.

Que o meu nome se pronuncie em casa,
como sempre se pronunciou.

Sem nenhuma ênfase, sem rosto
de sombra.

A vida continua significando o que
significou:

continua sendo o que era.

O cordão de união não se quebrou.

Porque eu estaria fora dos teus
pensamentos,

apenas porque estou fora de tua
vista?

Não estou longe,

Somente estou do outro lado do
caminho.

Já verás, tudo está bem.

Redescobrirás o meu coração,
e nele redescobrirás a ternura mais
pura.

Seca tuas lágrimas e se me amas,
não chores mais. ☞

(Stº. Agostinho)
In “Escalada”

A força superior e a força interior

No quotidiano do trabalho das Conferências de São Vicente de Paulo, os vicentinos só conseguirão realmente atingir os resultados desejados se depositarem em Deus todas as suas forças, virtudes, expectativas e realizações. “Só por nós, nada podemos empreender”, já dizia a bela “Oração da Entrega”, antes de fazermos a visita domiciliária. Essa força superior é que nos move a desempenhar uma acção eficaz, buscando a promoção humana das famílias que nos foram confiadas.

Sempre sentimos no peito e no coração essa força naqueles momentos em que precisamos tomar uma decisão importante, ou estamos resolvendo um problema, ou ainda estamos no limite de nossas energias, e sentimos que precisamos da ajuda providencial e da presença de Deus. Ele nos traz o conforto para a alma e a bênção que tanto necessitamos. A força superior é como um bálsamo que alivia nossas dores. Ela nos orienta a discernir, indica-nos o caminho certo e abre nossos corações para escutar a voz serena do Senhor.

Juntamente com essa força divina, é preciso que o vicentino também possua uma “força interior” diferenciada, motivada, direccionada para a caridade, vocacionada. Sem essa força que vem de dentro, nossa acção deixaria de ser caridade para se tornar filantropia. Para se actuar como vicentino e realizar efectivamente a promoção das famílias assistidas, é preciso ter aquele “brilho no olhar” e aquela “chama no coração”, condições fundamentais para se empreender um trabalho sócio-espiritual de qualidade e efectivamente promotor da justiça social. E isso vem de dentro, vem do nosso coração.

Essa força interior nos ajuda a buscar a felicidade a que todos nós temos direito, bem como nossa prosperidade pessoal. Depende exclusivamente da nossa força mais interior a disposição de mudar de vida e de melhorar nossos relacionamentos. A força interior afasta a solidão, elimi-

na a tristeza, apaga o desânimo, supera as limitações e rechaça as contrariedades. Essa força faz com que sonhemos e lutemos para tornar realidade nossos sonhos. E, assim, impulsiona-nos a mudar esse mundo tão pouco cristão e fraterno em que estamos inseridos.

A força superior (nosso Deus) e a força interior (nosso ânimo), juntas, fazem a diferença e nos ajudam a nunca desistir nem esmorecer. Para cumprir nossa missão vicentina, só mesmo uma força divina que nos move para a frente, ao mesmo tempo em que nossa força de vontade interior não nos deixa estagnar. Na verdade, em geral, essas características são comuns em pessoas que desenvolvem actividades voluntárias. Elas sabem que, além da vontade própria, há uma força superior (que nós católicos chamados de Deus) que as estimula a ajudar.

Os assistidos da SSVP precisam ver em nós essas duas forças (a superior e a interior); eles também precisam ver Jesus em nossos gestos e serem motivados por nós a vencerem na vida. Se nós vicentinos não conseguirmos ser a luz e o sal, como Cristo nos pediu, como eles poderão se espelhar em nós e crescer? Nossas forças precisam se converter em combustível e fermento para eles.

Temos que mostrar aos nossos assistidos que cremos nessa força interior. O Pai criou os seus filhos iguais e a cada um deu essa força. O que ocorre é que muitos não acreditam em seu potencial interno, pensando que não são capazes, e por isso, muitas vezes, abandonam o caminho que se abre à sua frente.

Dentro de cada um de nós, existe uma tremenda força interior, capaz de nos fazer continuar a jornada, enfrentando qualquer obstáculo que apareça. Ela é uma força que faz com que descubramos que somos capazes de atravessar as tormentas e ir ao encontro de um novo horizonte. E com a ajuda da força superior (nosso Deus onnipotente e salvador), nada nos impedirá. ☺

Conselho Central de Aveiro

Conferência de Santa Eulália de Águeda

Comemoração dos 50 anos

COMEMORAÇÕES

15/11/11 – 19h15

Eucaristia na Igreja de Águeda

20/11/11 – 11h30

Eucaristia na Igreja de Águeda e almoço de confraternização na Quinta dos Maias.

No passado dia 20 de Novembro, a Conferência de Santa Eulália de Águeda comemorou os 50 anos de vida e actividade apostólica em prol das pessoas mais necessitadas da paróquia. Foi um dia, não só de festa e acção de graças, mas também de reflexão e avaliação do trabalho realizado ao longo de todo este tempo com projectos e esperança para o futuro.


Às 11.30 horas, celebrou-se a Eucaristia, na qual os vicentinos e a restante comunidade de fiéis, reunidos à volta do altar, deram graças ao Pai, através de Jesus, por todos os benefícios concedidos durante todos estes anos e pediram força e disponibilidade para prosseguirem com fé e esperança o programa da pastoral dos pobres. Seguiu-se o almoço de confraternização, na Quinta dos Maias, com a participação dos vicentinos adultos e jovens, familiares e amigos. Aproveitou-se o ensejo para a evocação dos 50 anos de actividade vicentina.

Assim, o vicentino António Chuia, em

nome e a pedido de todos os vicentinos, com a sua habitual veia poética, dirigindo alguns versos apropriados, bem como a Presidente da Conferência, Alice Meireles, pretenderam homenagear o diácono e vicentino Augusto Semedo (membro e assistente espiritual da Conferência) pelos seus cinquenta anos de trabalho em prol dos pobres.

Emocionado, o vicentino Semedo dirigiu algumas palavras de gratidão, aproveitando para fazer o historial, muito interessante, do trajecto da Conferência (iniciada a 15 de Novembro de 1961) e dele próprio, a 29 de Novembro do mesmo ano, recordando nessa caminhada todos quantos com ele trabalharam e serviram os pobres da nossa terra.

Interveio ainda Ângelo Ladeira, Presidente do Conselho Central de Aveiro das Conferências Vicentinas, e também elemento da nossa Conferência, que expressou o sentimento geral de admiração e gratidão dos membros daquele Conselho para com o vicentino Semedo.

Foi um dia de fraterna união de todos os vicentinos, familiares e amigos. Após este maravilhoso dia, os pobres da nossa paróquia esperam por nós e pela continuidade do nosso trabalho e ajuda nas suas necessidades. 

In “Mais Luz” - Águeda

Conselho Central de Braga

Assembleia da Imaculada Conceição



Realizou-se no passado dia 3 de Dezembro, no Centro Pastoral Diocesano, em Braga, a Assembleia da Imaculada Conceição, na qual tivemos a honra de ter na nossa companhia a agradável presença do Sr. Presidente Nacional.

Dando cumprimento ao programa previsto, e de acordo com aquilo que a Regra aconselha, dedicámos a parte da manhã à reflexão e à oração e a parte da tarde foi de índole formativa e informativa, durante a qual foram abordados todos os assuntos relacionados com a vida Vicentina na nossa Diocese.

Os trabalhos iniciaram-se pelas 10.00

horas com as orações vicentinas, ao que se seguiram as boas-vindas a todos os presentes pelo Presidente do Concelho Central, seguida da leitura da acta da Assembleia da Quaresma.

O Reverendo Cónego Macedo, Conselheiro Espiritual do Conselho Central, brindou depois todos os presentes com uma magnífica reflexão espiritual que teve como fonte inspiradora pensamentos de S. Vicente de Paulo e de Frederico Ozanam, através da qual se concluiu que tais pensamentos, preocupações e recomendações, continuam perfeitamente actuais nos dias de hoje.

O Cónego Macedo exortou ainda todos os presentes a não desanimarem perante o avolumar dos problemas nos tempos de grande dificuldade que vivemos.

Disse que, sem fé e sem caridade, não seremos verdadeiros vicentinos e recomendou que seguissemos o exemplo e a disponibilidade de Maria quando soube que ia ser mãe.



Aconselhou a termos sempre presente no nosso espírito, os milagres das bodas de Canã e da multiplicação do pão e dos peixes, e assim podermos acreditar que, em Cristo, tudo nos é possível.

Pelas 11.15 horas procedeu-se a uma pausa de 15 minutos para tomar um café, após a qual se reiniciaram os trabalhos com troca de opiniões sobre a espiritualidade Vicentina, tendo o Presidente Nacional referido ser de grande importância os retiros espirituais para os Vicentinos.

Esta manhã espiritual terminou da melhor forma com a celebração da Eucaristia às 12.30 horas, durante a qual todos os vicentinos presentes procederam à renovação do seu compromisso.

Seguiu-se uma pausa para o almoço, e pelas 14.45 horas reiniciaram-se os trabalhos com a chamada dos Conselhos de Zona.

Estiveram presentes vicentinos dos Conselhos de Zona de Braga, Guimarães, Vale do Pelhe, Vieira do Minho, Vila Verde, Vila do Conde e da recém reactivada Conferência de S. Tiago de Caldeias, Arciprestado de Amares.

Não se fizeram representar os Conselhos de Zona de Famalicão e da Póvoa de Varzim.


Efectuou-se a tradicional colecta cujo produto foi de 180 Euros que, depois, o Conselho Central arredondou para os 400 euros e que reverteu a favor de uma menina pobre de Braga que precisa de ser operada ao maxilar inferior.

O Presidente do Conselho Central tomou então a palavra para fazer uma retrospectiva, em pormenor, da actividade do Conselho Central nos 18 meses que leva de mandato.

De seguida foi a vez dos Presidentes dos Conselhos de Zona presentes exporem dúvidas, preocupações e os factos mais relevantes da vida vicentina dos seus arceprestados.

Entrou-se depois num período de pedidos de esclarecimento, onde o Presidente Nacional aproveitou para esclarecer assuntos do maior interesse, como a relação da SSVP com o fundo solidário, ou com o fundo Diocesano, a abertura de contas bancárias em nome da SSVP, o problema dos recibos para efeito de dedução no IRS, e referiu com veemência a necessidade de todas as Conferências entregarem, o mais tardar até ao dia 15 de Janeiro, os quadros estatísticos devidamente preenchidos.

Foi mais uma vez abordado o diferendo que opõe o Conselho de Zona de Famalicão ao Conselho Central de Braga, e que se arrasta desde 2007, tendo o Presidente Nacional manifestado a sua tristeza por não ter sido ainda possível resolver esta situação, apesar de todo o seu empenho, manifestando no entanto a sua convicção e a esperança de que, com a sua mediação, seja possível, no curto médio prazo, um entendimento.

Pelas 17.00 horas, com as orações vicentinas finais, seguidas do Hino Vicentino, os trabalhos foram encerrados. 

Conselho Central de Portalegre e Castelo Branco

Assembleia Diocesana

Realizou-se no dia 4 de Dezembro, de 2011 em Castelo de Vide a Assembleia Diocesana das Conferências de S. Vicente de Paulo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco.

Estiveram presentes cerca de cinquenta vicentinos das Conferências de: Ponte de Sor, Alvega, Gavião, Nisa, Portalegre, Castelo de Vide e Sertã, o Presidente do Conselho Nacional, o Cônego Tarcísio, o Cônego Bonifácio, a Presidente do Conselho Central e o Senhor Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco.

Após o acolhimento feito pela Presidente da Conferência de Castelo de Vide foi feita uma visita ao Museu de Arte Sacra, a que se seguiu a Eucaristia Dominical presidida pelo Cônego Tarcísio.

Depois do almoço os trabalhos foram iniciados pela Presidente do Conselho Central, Maria Cristina Carvalhinho de Jesus, que fez a oração segundo a Regra. Deu as boas-vindas aos presentes e salientou que com a presença de todos e com a troca de experiências todos lucram, pois todos precisam cada vez mais uns dos outros. Continuou salientando a diferença entre o dar e o oferecer e a importância do contacto directo com os que nós ajudamos.

Em seguida o Presidente do Conselho Nacional começou por dizer que nós não somos voluntários, somos cristãos comprometidos com o Evangelho, somos um movimento de leigos, que trabalha com a

Igreja. Chamou a atenção para a importância de todos os movimentos trabalharem em coordenação.

O Cônego Tarcísio, o orador convidado, desenvolveu o tema: “Integração das Conferências no Sínodo Diocesano”.



Através de Power Point começou por dizer que o Sínodo é uma reunião para a qual são convocados todos os movimentos para discutirem com o senhor Bispo o estado da Igreja e servir de fermento na comunidade.

As Conferências têm disponibilidade para detectar e acudir às situações e colaborar com outras instituições sem olhar a cariz religioso ou político.

O vicentino usa o método de S. Vicente de Paulo: Promover a pessoa humana. É preocupação dos vicentinos, mais do que o assistencialismo, a promoção da pessoa humana. Não devemos confundir filantropia com caridade.

As Conferências exercem a caridade nas diversas dimensões. A Igreja está comprometida no bem-estar da Comunidade. As Conferências estão ligadas à Missão da Igreja e existem a nível: Mundial, Nacional, Regional, Diocesano, Paroquial e local. São instituições privadas e trabalham inseridas na Igreja.

O Cônego Tarcísio interveio para salientar a importância da integração das Conferências na Diocese e de sermos instrumentos activos através de acções simples.

No final todos concordaram que o dia foi muito enriquecedor. 



Conselho Central de Setúbal

Assembleia da Imaculada Conceição



Realizou-se, no passado dia 10 de Dezembro de 2011, a Assembleia Geral da Imaculada Conceição, promovida por este Conselho Central, na Casa do Gaiato, em Algeruz, com início, pelas 15.30 horas. Este encontro iniciou-se com a oração da Regra Vicentina.

Foi presidido pelo Rev^o. Padre José João Aires Lobato, Vigário Geral da Diocese de Setúbal, em representação do Senhor Bispo, D. Gilberto Délio Gonçalves Canavarro dos Reis, Padre Acílio Fernandes, Director da Casa do Gaiato e Conselheiro Espiritual deste Conselho Central, pela Dr^a. Alda Couceiro, em representação do Conselho Nacional, e ainda por José Manuel Costa Valério, presidente do Conselho Central que, depois das orações da Regra congratulou-se com a presença de todos, agradeceu ao Rev^o. Vigário Geral a sua presença, e pediu para que transmitisse ao Senhor Bispo as nossas afectuosas saudações, agradeceu ao Padre Acílio, mais uma vez, a

sua disponibilidade para nos receber e, também, a sua disponibilidade para orientar o encontro.

O tema apresentado pelo Padre Acílio foi baseado na recitação de Vésperas, que os Vicentinos/ Vicentinas, na sua humildade devem estar atentos à voz dos Pobres e dos seus familiares que visitam, procurando imitar Nossa Senhora, na Sua actuação, com fidelidade e disponibilidade, como Ela assim fez.

Em seguida houve diálogo entre os presentes, referente à apresentação e exposição do tema apresentado sobre Nossa Senhora.

Seguidamente a Dr^a. Alda Couceiro, referiu-se ao aspecto, muito importante, que é a oração, pois sem esta, não será possível viver o que Nossa Senhora quer de cada um de nós e, também, procurar e estar atento e disponível ao serviço das estruturas da Sociedade de São Vicente de Paulo, a todos os níveis.

Por fim, o Senhor Vigário Geral encerrou este encontro, apontando a necessidade e urgência de se ter uma Caridade devidamente organizada e ajustada para os nossos dias, por intercessão de São Vicente de Paulo e do Beato Ozanam porque Deus é amor e esse amor tem que ser distribuído por todos, sem excepção.

O Padre Acílio, presidiu à celebração Eucarística e, no momento próprio da homilia, referiu-se às leituras deste do-

mingo, dizendo-nos que não há nada pior para a visibilidade e eficácia da esperança cristã do que pretender ser seu proprietário; não há nada pior para a transmissão da novidade evangélica do que reduzi-la a um produto de propaganda. Mas, também, não há nada melhor para a evangelização do que, humildemente, ser seu servidor. Nada mais eficaz do que, em conjunto com todos os homens, procurar descobrir na vida o Desconhecido, que anda no meio de nós.

Nesta celebração fizeram o seu compromisso, os seguintes Vicentinos/Vicentinas:

Conferência de Nossa Senhora do Monte Sião de Amora

- Francisco Manuel Colaço do Rosário
- Joaquim Henrique Ferreira Gomes Prior

Conferência de Cristo Rei, de Setúbal

- Maria Fernanda Cruz

Depois, todos os outros renovaram o seu. Antes de se realizar o mesmo, o Presidente do Conselho Central, teve palavras de estímulo para com os novos Vicentinos/Vicentinas, pedindo a sua colaboração para com toda a vida da Sociedade de São Vicente de Paulo, na Diocese de Setúbal, e que se sintam bem, no meio de todos nós.

O Ofertório desta Missa reverteu, na sua totalidade, para a Casa do Gaiato. 🌊

Conferência de Santiago, de Sesimbra

Em colaboração com a respectiva Junta de Freguesia, esta Conferência construiu um bonito e grande Presépio, no Pavilhão cedido pela Câmara Municipal de Sesimbra, localizado no sítio da Califórnia, o qual tem sido



muito visitado, pois este Pavilhão está situado de frente para o mar e, assim, em dias de bonito sol, as pessoas vão passear e, com muita frequência, visitam o referido Presépio, comprando rifas e outros objectos que lá se encontram para venda.

No passado dia 18 do corrente, o vicentino Presidente deste Conselho Central, José Manuel Costa Valério, fez uma visita a este mesmo Presépio, acerca do qual fez uma referência muito especial, pelo que, no que diz respeito à referida construção do Presépio, o mesmo tem muitas mensagens Evangélicas que ajudam as pessoas a viverem o tempo do Advento até ao Natal com outras perspectivas, na visão do Cristianismo. 🌊

Conselho Central de Vila Real

Assembleia Diocesana



No dia 24 de Setembro, o Conselho Central realizou a sua Assembleia Diocesana na cidade de Vila Real e nas instalações do Seminário. Presidiu à Assembleia o Senhor Presidente do Conselho Nacional, António Correia Saraiva, a Presidente do Conselho Central, Maria Cristina Osório, o reverendo Padre Luís Marçal, nosso Conselheiro Espiritual e a Presidente da Conferência anfitriã – S. João Evangelista – Maria Isabel Nantes. Estiveram também presentes 57 elementos de todas as Conferências que fazem parte deste Conselho Central.

A meditação foi feita pelo nosso Conselheiro Espiritual que se fundamentou nas Encíclicas do Papa Bento XVI – “Deus é Amor” e “A Caridade na Verdade”.

Nos tempos difíceis que atravessamos se não houver amor, compreensão e caridade dificilmente haverá paz e respeito uns pelos outros.

A Maria Isabel desenvolveu, depois, um trabalho interessante sobre S. Vicente de Paulo e a nossa vivência vicentina. Deu o seu testemunho e finalizou dizendo que há muitas famílias em crise, com muitas dificuldades, mas os idosos sós, e muitas vezes doentes, continuam a ser a nossa prioridade.

O nosso Presidente agradeceu aqueles momentos, deu também o seu testemunho e frisou que o vicentino tem uma grande missão.

A Assembleia encerrou com a Eucaristia celebrada pelo Senhor Bispo de Vila Real, D. Amândio, que na sua homilia elogiou o trabalho dos vicentinos e exortou-os a continuar o seu trabalho de serviço aos que mais necessitam.

Durante a Eucaristia foram impostos 19 emblemas aos novos vicentinos que entraram para a nossa comunidade. Bem vindos e bom trabalho! 🕊



ASSOCIAÇÃO DAS OBRAS ASSISTENCIAIS DA SSVV

JARDIM DE SENTIDOS, Creche e Jardim-de-Infância

No dia 3 de Dezembro passado realizou-se a bênção e lançamento da primeira pedra das futuras instalações do “Jardim dos Sentidos”, Creche e Jardim-de-Infância, no terreno sito na estrada de acesso à Ermida de Nossa Senhora da Visitação, em Montemor-o-Novo. O novo Jardim de Infância substituirá o atual “Bercinho”, Creche, Jardim-de-Infância e ATL, que se encontra em funcionamento há 15 anos no Largo General Humberto Delgado desta cidade, propriedade, tal como as futuras instalações, da Associação das Obras Assistenciais da Sociedade de S. Vicente de Paulo com sede em Lisboa.

A cerimónia iniciou-se com uma Eucaristia na Ermida de Nossa Senhora da Visitação celebrada pelo Senhor Arcebispo de Évora, D. José Alves, assistido pelo Cônego José Morais Paios e Padre Luís Teixeira, a que se seguiram diversas intervenções no terreno, a bênção pelo Senhor Arcebispo e o lançamento da primeira pedra, pela Presidente da Associação proprietária, Dr^a. Adelina Rocha de Almeida e pelo Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Dr. Carlos Pinto de Sá. Estavam presentes muitos colaboradores neste projeto além das Técnicas do “Bercinho” e dos muitos montemorenses que assistiram.

De realçar a grande impulsionadora deste projeto, Dra. Sónia Vacas dos Santos, Fundadora e Diretora do atual “Berci-



nho”, que fez, em discurso, a apresentação, a razão e o objetivo da nova instituição. O Senhor Arcebispo de Évora na sua intervenção realçou que a nova instituição deveria obedecer a regras de profissionalismo e de humanismo cristão como obra Vicentina; tal como o Sr. Presidente da Câmara que realçou o facto da obra ser de novas e modernas instalações para crianças e elogiou a iniciativa por acontecer numa época em que prevalece um certo pessimismo e desânimo.

Diga-se que esta iniciativa contou com a cedência, pela Câmara Municipal, do terreno com 3.400 m² e o projeto tem subsídio comunitário da InAlentejo.

Também intervieram em apresentações os autores do projeto da firma Civinove, Srs. Custódio Barroso e José Neves, o Administrador da Arquicon, Lda., Sr. José Gramaxo, vencedor do concurso.

Estiveram presentes a atual Diretora Regional da Segurança Social do Sul, Dra. Sónia Ferro, e pela Câmara Municipal, além do seu Presidente, o Vereador da Cultura, Dr. João Marques e o Presidente do Júri de avaliação do concurso público da empreitada, Eng. José Felipe Gomes de Pina. A Sociedade de S. Vicente de Paulo fez-se representar pelo seu Vice-presidente, José Martins, e pelo presidente do Conselho Central de Évora, Eng. António Vacas de Carvalho.

A cerimónia terminou com o Hino da Creche cantado pelas crianças e com um Porto de Honra. 